2025

Crônicas para ler e ouvir

NÚMERO 6

Organizadores

Luciano Victor Barros Maluly
Daniel Azevedo Muñoz
Deyse Alini de Moura
Patrícia Rangel Rodrigues
Antonio Rocha Filho
Felipe Priante
Gabriela Martin
Gustavo Urbani Pessutti
Guilherme Gonçales Longo
Thais May Carvalho
Andrei Gobbo
Antônio Moraes de Paiva
Carolina Borin Garcia
Isabelly de Paula Oliveira

ECA
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

USP

CJE
JORNALISMO E EDITORAÇÃO

Universidade 93.7

CRÔNICAS PARA LER E OUVIR

NÚMERO 6

Luciano Victor Barros Maluly
Daniel Azevedo Muñoz
Deyse Alini de Moura
Patrícia Rangel Rodrigues
Antonio Rocha Filho
Felipe Priante
Gabriela Martin
Gustavo Urbani Pessutti
Guilherme Gonçales Longo
Thais May Carvalho
Andrei Gobbo
Antônio Moraes de Paiva
Carolina Borin Garcia
Isabelly de Paula Oliveira

(Organizadores)

ECA-USP - 2025

CRÔNICAS PARA LER E OUVIR

NÚMERO 6

Luciano Victor Barros Maluly
Daniel Azevedo Muñoz
Deyse Alini de Moura
Patrícia Rangel Rodrigues
Antonio Rocha Filho
Felipe Priante
Gabriela Martin
Gustavo Urbani Pessutti
Guilherme Gonçales Longo
Thais May Carvalho
Andrei Gobbo
Antônio Moraes de Paiva
Carolina Borin Garcia
Isabelly de Paula Oliveira

(Organizadores)

ECA-USP - 2025

Às convidadas Catarina Machado, Carol Alves, Ila Linhares e Natasha Teixeira pelos comentários durante as gravações dos programas Universidade 93,7 da Rádio USP

No movimento lógico de um universo matemático e exato, onde as estrelas ocupam um lugar central, haverá espaço para um planeta marginal?

Poema “Contraponto”, de Marcelo Lapuente Mahl

Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada

Diagramação: Daniel Azevedo Muñoz e Isabelly de Paula Oliveira

Capa: Gabriela Martin

Universidade de São Paulo

Reitor: Prof. Dr. Carlos Gilberto Carlotti Jr.

Vice-reitora: Profa. Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda

Escola de Comunicações e Artes

Diretora: Profa. Dra. Maria Clotilde Perez Rodrigues

Vice-Diretor: Prof. Dr. Mario Rodrigues Videira Junior

Departamento de Jornalismo e Editoração

Chefe do Departamento: Prof. Dr. Wagner Souza e Silva

Vice-chefe do Departamento: Prof. Dr. Vittor Souza Lima Blotta

Catalogação na Publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

C947 Crônicas para ler e ouvir [recurso eletrônico] : número 6 / organização Luciano Victor Barros Maluly ... [et al.]. – São Paulo: ECA-USP, 2025.
PDF (54 p.)

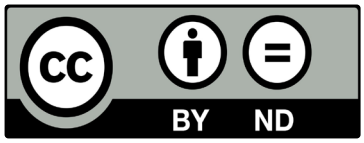
ISBN 978-85-7205-310-5
DOI 10.11606/9788572053105

1. Radiojornalismo. 2. Jornalismo literário. 3. Crônica. I. Maluly, Luciano Victor Barros.

CDD 22. ed. – 070.194

Elaborado por: Edson Pedro da Silva CRB-8/7893

Índice para catálogo sistemático
1. Comunicação: 302.2



Creative Commons 4.0
Atribuição, Não Comercial
Sem derivação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 9

VIAGENS 10

A guardiã da rua 11
Beatriz Garcia Leandro
Viagens que nunca terminam 12
Ester Maria do Nascimento
As havaianas 14
Gabriel Silveira
Uma jornada peruana 16
Isabella Gargano
A maré levou 18
Lívia Uchoa
Aventura no Shinkansen 19
Luiza Miyadaira
Uma jornada na carruagem amarela 20
Miriã Gama

ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO 22

Frederico! FREDERICO! 23
Diego Facundini
Uma traição que não vou precisar esquecer 25
Diogo Silva
Gato não sabe amar 26
Gabriel Carvalho
Como lidar com o envelhecimento dos pets? 28
João Chahad
Navio de Teseu 29
Marcelo Teixeira
Rex não viu a praia 31
Nicolle Martins

MORTE **32**

Preparativos paliativos **33**
Alícia Matsuda
Nos confins do adeus **34**
Artur Abramo
A morte da goiabeira **36**
Davi Madorra
Para onde levam os encanamentos? **38**
Julia Alencar
No meio do caminho **40**
Marina Giannini
De segunda a segunda na penumbra **41**
Pedro Morani
A estrela cor-de-rosa **43**
Sofia Zizza

ÚLTIMAS VEZES DA INFÂNCIA **44**

É hora de dormir **45**
Bárbara Aguiar
A última vez de uma criança antes de aprender a ler **46**
Beatriz Haddad
Mentiras que contamos **47**
Fernanda Zibordi
O último silêncio **49**
Lucas Lignon
Na casinha da mangueira **50**
Mirela Costa
Bonequinhos **51**
Nícolas Dalmolim
“Vamo pro sítio! Vamo pro sítio!” **52**
Renan Affonso
A última vez em que não tive escolha **53**
Sarah Kelly

REFERÊNCIAS **54**

INTRODUÇÃO

O sexto número da série **Crônicas para ler e ouvir** está dividido em quatro partes: viagens, *animais de estimação, morte* e *primeiras vezes da infância*. Cada um desses capítulos, ou melhor, episódios, reúne crônicas (em áudio e texto) produzidas pelos alunos da disciplina CJE 0603 – Radiojornalismo, do Curso de Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP).

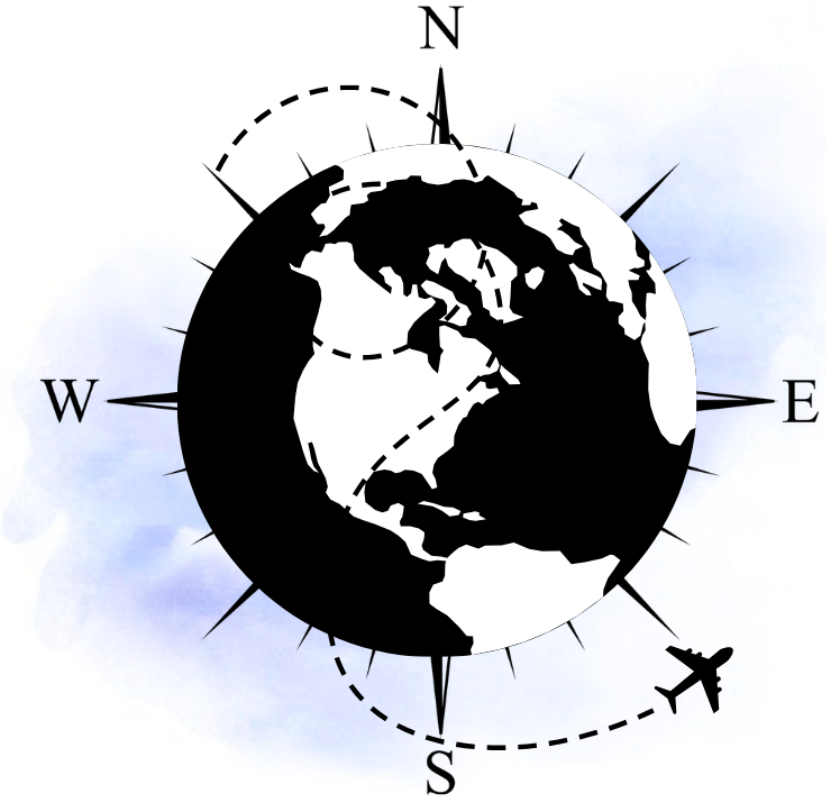
Os produtos em áudio são veiculados pela Rádio USP, sempre aos domingos, às 11 horas, e compartilhados na forma de *podcast* pelo Portal Jornal da USP e pelo repositório do programa Universidade 93,7. Já este material escrito é disponibilizado para a leitura gratuita pelo Portal de Livros Abertos da USP.

A produção deste material foi realizada no primeiro semestre de 2025, com a classe sendo dividida em quatro grupos. Sendo assim, os estudantes construíram crônicas por meio de relatos sobre os quatro temas escolhidos. As gravações contaram, ainda, com a participação de convidadas especiais que comentaram as crônicas e, consequentemente, os temas abordados. As colaboradores foram: Catarina Machado, proprietária da *CASA Cerimonial Pet* (Animais de estimação); Carol Alves, turismóloga de formação pela USP, empreendedora e dona da agência *Viagens com a Carol* (Diário de viagens); as psicólogas Ila Linares, também doutora em Saúde Mental e mestre em Neurociências pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (Últimas vezes da infância) e Natasha Teixeira, especialista em cuidados paliativos e terapia da dor (A última dança).

A equipe de editores contou com a presença do professor responsável da disciplina, Luciano Victor Barros Maluly e com os estudantes de pós-graduação do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM), Gabriela Martin, Felipe Priante, Gustavo Urbani Pessutti e Thaís May Carvalho (mestrado); Guilherme Gonçales Longo e Antonio Rocha Filho (doutorado); Andrei Gobbo e Antônio Moraes de Paiva (alunos especiais). Participam também desta obra as pós-doutorandas Deyse Alini de Moura e Patrícia Rangel Rodrigues; o doutor internacional em História Contemporânea pela Universidade Autônoma de Madri (Espanha), Daniel Azevedo Muñoz; além de Carolina Borin Garcia e Isabely de Paula Oliveira, alunas dos cursos de graduação em Jornalismo e Relações Públicas, respectivamente.

Assim como nas edições anteriores, reforçamos que a ideia deste livro é fomentar produtos em multimídia, assim como estimular a comunidade uspiana a divulgar os trabalhos realizados dentro da instituição, por meio do conceito de Universidade Aberta. Boa leitura!

I



VIAGENS

A guardiã da rua

Beatriz Garcia Leandro

Era sábado de manhã quando cinco amigos procuravam um lugar para estacionar o carro. A viagem para o Guarujá tinha sido longa, e todos estavam animados para pisar na areia e cair no mar.

Depois de muito procurar, encontraram uma vaga perfeita na sombra de uma árvore e bem próximo da praia. Comemoraram, será menos um gasto na viagem.

Enquanto pegavam todas as coisas no porta-malas do Honda Fit, uma senhora se aproximou. De estatura baixa, com um sorriso no rosto, um boné e roupas típicas de quem quer se proteger do sol, Dona Bel se apresentou e disse: "Cuido da rua por 20 reais".

Confusos, todos se entreolharam, assimilando a informação. Um dos amigos já avisou "não temos dinheiro." Contrariada, Dona Bel argumenta: "Tudo bem, pode ser 20 reais no pix, mesmo. Sabem como é, né? A gente fica de olho nos carros aqui da rua para não acontecer nada de ruim".

Dali em diante, o tom da conversa já não era o mais simpático. O grupo pegou suas coisas e andou em direção à praia desconversando a proposta da senhora até perdê-la de vista.

O dia estava maravilhoso, mas os gastos não muito. Cem reais pelo guarda-sol e cadeiras, 50 na prancha de bodyboard, 20 para usar o banheiro e por aí vai. Mas, o que vale é estar na praia com os amigos, certo? Entre uma conversa e outra, algumas piadas sobre a situação surgiam: "Será que a dona da rua ainda está lá?", "se não pagarmos, ela vai bater na gente?", "por 20 reais ela tem que saber lutar com bandidos".

Voltando para o carro, usaram garrafas de água para tirar o sal do corpo e trocaram de roupa dentro do veículo, tudo para não gastar mais 20 reais na ducha do quiosque ao lado.

Dona Bel observava de longe, pronta para cobrar o preço pelo seu serviço. Enquanto se secavam, o grupo de amigos combinava entre sussurros qual seria o plano para pular no carro e ir embora sem pagar nada.

Devagar, dona Bel levantou e caminhou em direção ao grupo. Imediatamente, todos entraram no carro e saíram dali. No banco de trás, os meninos gritavam "Corre que a Bel tá vindo! Ela vai bater na gente" e todos riam sem fôlego, sentindo a adrenalina que a fuga da senhorinha mal humorada causou.

Viagens que nunca terminam

Ester Maria do Nascimento

Nunca viajei muito quando era criança, exceto nas idas ao interior na Semana Santa, quando toda a família se reunia em um cenário de muitas redes estendidas pela casa espaçosa do meu tio — que, mesmo grande, parecia pequena para tanta gente. A música alta, as crianças gritando, a comida farta.

Outra exceção eram as idas à capital, só para tratamentos de saúde. Nada muito grave.

A maior viagem que fiz — e a que mais me marcou — aconteceu aos 19 anos.

Levantei na madrugada de um dia repleto de incertezas, ansiedades e expectativas, depois de uma noite de despedidas à família e amigos. Ia conhecer alguém que nunca havia visto.

Antes de entrar no carro alto, para horas de viagem rumo ao incerto, parei para me despedir de quem havia me visto crescer e me oferecido um lar por mais de uma década.

Minha cidade, Floriano, era simples, pequena, calma e caótica à sua própria maneira. Nunca foi de mudar muito, sempre preferiu seguir do jeito que seguiu por seus 127 anos: chega gente, sai gente, e ela continua igual. Mais do que tudo, ela era familiaridade.

Mas, para além do lazer, viagens são importantes para aprendizado e crescimento. Então, saí da familiaridade rumo ao desconhecido, em busca de algo melhor — fosse educação, experiências ou felicidade.

Na madrugada fria, parti para conhecer alguém. De companhia, minha mãe, que iria comigo até uma velha conhecida: uma cidade que visitei algumas vezes na infância. Era só até lá que ela poderia me acompanhar.

Com os olhos cheios de lágrimas — nos tons misturados de ansiedade e expectativa — nos despedimos de Floriano, minha cidade e amiga de infância: minha mãe, um “até logo”; eu, um “adeus”.

Na minha breve passagem por Teresina, percebi que, embora já a conhecesse de vista, ela era diferente. Uma grande quantidade de pessoas, carros, movimento. Ela era o desconhecido, mas ainda conhecido. Sabia quem ela era, porém nunca fomos tão próximas. Por isso, a separação não doeu tanto.

Nossa viagem por Teresina foi rápida. Mas foi lá que minha mãe deixou de me acompanhar. Depois da despedida que mais me apertou o coração, cheia de choro, de “até logos”, de saudade que dói e promessas de conseguir algo melhor, entrei em um avião pela segunda vez na vida — para encontrar alguém que, talvez, não quisesse me ver.

Talvez "não quisesse me ver" não seja o melhor termo. Acho que era alguém indiferente. Não importava se eu ia ou ficava, se chegava ou partia. Não sabia o que esperar dela — e até hoje não sei —, mas fui mesmo assim.

Assim que cheguei ao ponto final da minha viagem, a sensação foi de espanto. Milhares de carros, milhares de pessoas, correndo pra lá e pra cá, sem dar muita importância para nada.

Após doze horas de viagem, saí da familiar calmaria para um formigueiro de concreto.

O destino final da minha viagem olhou para mim por poucos segundos, como quem dizia: "Fique, se puder. Aguente, se conseguir". E foi embora, correndo junto com os carros e as motos.

Naquele dia de verão, quando o sol parecia não querer se pôr, cheguei em São Paulo.

Ali, comecei a viajar dentro da própria viagem: pelos bairros, pelas culturas. Fui enganada, chorei, fiquei sem ter onde morar, achei um novo lar, reencontrei antigos amigos, conheci pessoas e lugares.

Viajei de novo, de novo e de novo. Tudo na minha primeira semana.

O que São Paulo não te conta quando você chega — ocupada demais para se importar com quem desembarca inexperiente, curioso e inocente — é que ela é feita de pequenas viagens. Que acontecem a cada dia, semana, mês, hora.E que eu, até hoje, nunca parei de viajar.

As havaianas

Gabriel Silveira

Após dois dias de caminhada entre dunas, chegamos a um casebre no meio de uma vegetação destoante. Devia ser a única construção em um raio de cem quilômetros. Era por volta do meio-dia e, como quase não ventava, o calor era molesto. A sensação de tormento somente atenuou ao ceder do sol. E quando anoiteceu, fui tomar banho.

O lugar em que nos lavávamos era uma pequena estrutura de alvenaria afastada da casa. Coberta por um lambril de gesso, parecia que qualquer brisa poderia destruí-la. Assim que voltei para a rede onde dormiria aquela noite, notei a falta de meu celular. Voltei, então, para recuperar o inútil aparelho, pois não havia sinal lá.

As duchas estavam ocupadas. Vozes agudas vinham daquela direção. Mas não compreendia a língua foneticamente expressiva que falavam. Soava como um bebê descobrindo os sons das vogais. Uma senhora saiu de uma das cabines. Tinha cabelos grisalhos, uma cara achatada e era branca como a areia que pisava. Acenando com a cabeça, comprimentei:

– Boa noite…

Ela apenas sorriu. Percebi que não havia entendido o que disse. Arrisco a língua universal e começamos a conversar. Descubro que é havaiana e está de férias naquele mar de areia. Usava uma camisola branca e chinelas homônimas de sua nacionalidade.

Durante nossa conversa, um sorriso doce não saía de seu rosto. Falar com alguém que compreendia um de seus idiomas parecia aliviá-la. Aproveitei sua gentileza e disse que tinha deixado meu celular ali, apontando para a frágil construção. Ela virou a cabeça e deu um grito naquele ingênuo dialeto.

Em poucos minutos, outra mulher aparece. Esta era mais jovem, porém tinha traços semelhantes aos da senhora. Ela usava uma camiseta preta bem fina e shorts de linho. Estendendo o braço, me entregou o celular. Agradeci e retornei à minha rede. Elas continuaram paradas. A senhora ainda sorrindo. Observando as poucas lâmpadas que nos iluminavam, comecei a refletir sobre aquele par que acabara de conhecer. O que faziam naquele deserto banhado de brejos?

Relatei esse encontro inusitado aos meus amigos. Enquanto o peixe cozia em uma brasa ardente, discutíamos sobre literatura, política e o porvir de nossas vidas. Um bafejo corpulento nos atingiu. Todos aqueles dizeres ora aparentavam diminutos. Descambou-se sobre mim um envoltório áspero e translúcido. Por alguns instantes, não me lembrava a razão de estar ali. O lençol arenoso, enfim, suplantava seu pousar, desvirtuava-me. Nada mais correspondia a algo existente. Ao grão, retornava.

Um errante – que também esperava o pescado – interrompeu-me. Como que tomando fôlego, anunciou um modesto poema:

A chuva cai a findar o sereno nupcial da noite
Estrondosos trovões provocam o alarme dum carro covarde
Um fio, meio a paralelepípedos negros seculares, sucede
Oh! Cidade árida, de eterno somente teu rumor

O silêncio perdurou pelo jantar. Ao debruçar a cabeça para o último gole do alcoólico barato, me recordo das duas figuras alheias que esbarrara mais cedo. Perguntei por elas. Ninguém daquela remota casa havia interagido com tais mulheres. E eu, nunca mais as vi.

Uma jornada peruana

Isabella Gargano

Nada melhor para comemorar a semana da pátria do que sair da dita pátria. Foi assim, que eu e minha família acabamos no Peru, no feriado de sete de setembro do ano passado. A viagem foi uma das mais diferentes da minha vida. Acredito que conforme você vai crescendo, ou pelo menos conforme eu tenho me tornado adulta, fico cada vez mais curiosa para conhecer novas culturas e me desafiar.

Já estávamos no Peru há alguns dias, após visitar Machu Picchu e fazer uma trilha impossível no ar rarefeito, minha família se encontrava em Cusco, cidade histórica nos Andes peruanos, que foi capital do Império Inca. Já tendo conhecido os principais pontos turísticos da região, e com ainda meio dia antes de ter que ir para o aeroporto, decidimos conhecer mais alguns locais de exploração arqueológica.

Pedimos um uber, como já havíamos feito muitas vezes durante a viagem. O motorista era um sujeito normal pouco memorável, mas meu pai, como sempre, não consegue ficar quieto e começa a falar sobre todo e qualquer assunto com o homem.

O destino era um local chamado Saqsaywaman, ou algo parecido na pronúncia correta, não sabíamos muito bem do que se tratava, mas achamos no google e decidimos conhecer. O uber comentou que próximo ao local ainda havia outros dois sítios arqueológicos, que poderíamos ir andando e transitar de graça de um local para o outro. Meu pai quis saber mais, e concordou em deixar a gente no mais fácil para começar o percurso histórico.

A viagem começou a demorar mais do que o planejado, o carro continuava a subir uma estrada para o meio do nada. No banco de trás, eu e minha mãe trocamos olhares, meio desconfiadas. Comecei a me questionar onde aquele cara estava nos levando? Quanto mais aquela viagem custaria? E será que meu pai, lá no banco da frente, também não estava preocupado com isso?

Enfim, ele nos deixou em frente a um portão de pedras e explicou, em espanhol, o caminho que deveríamos seguir. Quando a notificação do Uber chegou após ele partir, o valor da viagem tinha sido bem mais salgado do que o planejado. Não me recordo exatamente, mas penso que mais de 50 reais acima do valor inicial.

O lugar em que ele nos deixou era considerado uma parte mais elevada de Cusco, realmente era muito bonito, e se me recordo, um templo para seu deus da água. Mas no meio do caminho minha mãe passou mal, com dificuldade para respirar. Um comerciante de artesanato local acabou nos ajudando, mesmo depois de desconfiarmos que ele queria cobrar algo pela ajuda.

O caminho entre um sítio a outro era à beira da estrada, andamos cerca de 1km debaixo do sol, pensando com raiva naquele motorista de uber.

Visitamos mais um local de pedra que apesar de lindo parecia, com o meu cansaço, a mesma coisa que o anterior. Então finalmente chegamos ao nosso destino desejado desde o ínicio. Devo admitir que era lindo, as construções imensas, daquelas que fazem você se sentir meio insignificante. Passamos um bom tempo admirando e imaginando sobre as histórias que aconteceram ali, há muito tempo atrás.

A volta para o centro da cidade, onde ficava o hotel, devo admitir, provavelmente foi uma das partes mais engraçadas da viagem. Ainda seguindo as instruções do fatídico uber, na beira da estrada, pegamos um ônibus que descobrimos depois ser clandestino. Parecia estar caindo aos pedaços, e para embarcar, a cobradora não parava de gritar para subirmos mais rápido. Claramente ela nunca havia visto pessoas embarcando num ônibus saindo de um terminal de metrô em São Paulo. Tudo parecia muito suspeito e sinceramente inseguro, mas no fim chegamos na praça central. Então apesar de não ter sido como planejado, visitamos locais incríveis, tivemos uma verdadeira experiência peruana e uma história para rir e compartilhar. Talvez aquele uber não tenha sido uma ideia tão ruim assim.

A maré levou

Lívia Uchoa

Verão de 40 graus, risadas e muito Aperol Spritz. Era assim que eu me encontrava em agosto de 2022, realizando meu sonho de fazer um intercâmbio. Nesses momentos de aventura e viagens, as pessoas tendem a ser mais abertas a propostas. E como eu amo o mar, resolvi seguir a maré. Ou seja, aceitava qualquer aventura.

Numa dessas, fui convidada a conhecer uma praia nova e paradisíaca que meus colegas tinham encontrado no Google. O convite parecia inofensivo. Mas aí que estava a pegadinha: para chegar ao local era necessário fazer uma trilha. "Fica tranquila, o nível é iniciante", eles disseram.

Sem pensar duas vezes, preparei minha bolsa. O kit era simples: protetor solar, canga, água, um chocolate, boné e uma boia no formato de macarrão que amarrei em volta do meu corpo. Equipamentos de trilha? Nem precisava. Um all star se enquadra no nível iniciante de trilha, né? Escolhi uma roupa leve e fui, sem nenhuma preocupação em mente.

O caminho até o local inicial seguiu o protocolo de todos os outros passeios feitos na viagem: um trajeto de 30 minutos em um ônibus estranho que deixava em um lugar ainda mais estranho. Quando encontramos o grupo, comecei a estranhar o nível de preparo das pessoas para a trilha. Elas estavam com tênis especiais para caminhada, mochilas compactas e roupas de academia. Mas até aí, pensei, pode ser uma questão de gosto pessoal.

O problema começou quando subimos a primeira ladeira. Um integrante do grupo desistiu por ter medo de altura e voltou para pegar o ônibus. Mas como tenho um espírito otimista, um pouco sem noção na verdade, me despedi dele, amarrei o cadarço do all star um pouco mais forte e continuei a subir como se estivesse indo até o bandejão da química.

A caminhada durou horas. Escalamos pedras, pulamos buracos, e ficamos o tempo todo ignorando o fato de que o sol estava ficando cada vez mais forte e o destino cada vez mais longe. A textura da montanha também não ajudava. Além das pedras pontudas, o chão era arenoso e quente. Então quando a gente caia e se segurava com a vida para não escorregar ainda mais, de brinde ganhávamos um arranhão e uma queimadura.

Ah, e sem esquecer a melhor parte. A trilha era como um penhasco. Ao olhar em volta, só se via pedra, uma queda íngreme e o mar.

Depois de horas perdidas, terços completados na minha cabeça, várias (quase) mortes e algumas fotos para os stories do Instagram, finalmente chegamos…em lugar nenhum. Demoramos tanto para completar a trilha que a maré subiu e escondeu a praia paradisíaca.

No fim, cheguei a conclusão que o medroso que abandonou a trilha logo no início era o mais sábio do grupo.

Aventura no Shinkansen

Luiza Miyadaira

A menina esquenta as mãos no bolso enquanto espera seu trem, ansiosa para chegar logo à próxima cidade. Seu primo não lhe dava muita bola, distraído com o converseiro incessante da tia. Sendo o único a falar japonês, fazia sentido que ele viesse junto com ela e seus pais durante a expedição.

O trem bala estava dentro da previsão de chegada, mas a criança se balança impaciente, observando com brilho no olhar, as máquinas de bebidas da estação. Desde que chegou ao Japão, estava fascinada pelo café com leite e caramelo dentro de uma garrafinha, que custava apenas duas moedinhas de 100 ienes e já vinha quente direto da máquina. Vinha se tornando seu ritual matinal, todo dia comprava uma garrafa.

A menina puxa o pai pela mão e sorri pidona já arrastando-o em direção a máquina, há alguns metros da fila. O pai verifica o painel de horários, ainda faltam cinco minutos para o embarque, um pequeno atraso não deve fazer mal. Saltitante, a menina pega suas moedas e se diverte colocando-as na máquina e escolhendo uma garrafinha dentre a infinidade de opções.

Os dois voltam contentes para encontrar com a mãe e o sobrinho, que aguardavam na fila. Na verdade eles não estavam na fila. Muito menos o trem estava na estação. Ele já havia partido? Mas só passamos um minuto do horário! O pai olha desnorteado para os lados, se arrependendo de ter cedido ao bendito café.

Tudo bem, eles provavelmente pensaram que embarcamos em vagões diferentes. O sobrinho fala japonês, não precisamos nos preocupar com eles. Mas aí, a ficha cai, eles não falam japonês, nem tem sinal de telefone, os documentos haviam ficado na mochila que partiu junto com o trem. Hora de se desesperar. A menina se prepara para abrir o berreiro enquanto segura seu cafezinho morno.

Sem muita opção, saltam no próximo trem, que ia para o mesmo destino. Na melhor das hipóteses, eles se encontrariam na próxima estação. O pai tenta acalmar a menina em pânico dentro do vagão, mas falha em controlar a própria crise quando o comissário passa pedindo os passaportes.

A barreira linguística nunca foi tão real, nenhum funcionário parece entender o inglês cheio de sotaque do homem, que já começa a suar frio de nervoso. Sim eles partiram em outro trem, não, eles ficaram com nossos passaportes. O pai tenta explicar a situação sem sucesso. Finalmente, uma voz é anunciada nos vagões. Os dois tentam entender confusos o japonês cheio de microfonia, mas conseguem captar o nome deles sendo anunciado algumas vezes.

Eram eles! Finalmente haviam se dado conta da ausência de parte da família nos vagões. Outro comissário se aproxima e os escoltam até a saída, indicando para descer na próxima estação. Aí estão! Aliviada, a menina corre até sua mãe, enquanto seu primo dispensa a dupla de policiais.

Com a confusão resolvida, a família pode finalmente seguir viagem. Mas não sem antes comprar outra bebida para a menina, pois seu café com leite já havia esfriado.

Uma jornada na carruagem amarela

Miriã Gama

Ah! Cidade maravilhosa. Alegria carioca, gringos empolgados, lindas praias e 40 graus… na verdade, hoje não. A temperatura na casa dos 22 graus em plena alta temporada pegou os turistas desprevenidos. E aposto também que ninguém estava preparado para encarar duas horas de fila.

Ok. Todos com certeza sabiam da fama dos Bondinhos de Santa Teresa, mas os influencers de viagem não comentam da fila extensa – ou do provável frio.

Mas tudo bem. A demora realmente valeu a pena. Embarquei no Bondinho um pouco mais de duas da tarde. As horas de fila foram recompensadas com um lugar na primeira fileira de bancos, logo atrás do maquinista, me trazendo a sensação de estar conduzindo o veículo amarelo sobre os arcos da Lapa.

Chegando ao destino, o passeio pelo bairro foi uma verdadeira viagem para o passado. As fachadas históricas preservadas, os trilhos do Bondinho, as ruas de pedrinhas… Para completar o clima carioquês, comprei um Guaravita.

Depois de apreciar a bebida e me sentir a garota de Santa Teresa, resolvi completar o passeio indo ao Parque das Ruínas. Pega o Bondinho novamente, desde a parada, anda até o casarão de pedras, aproveita a visita e tudo perfeito.

Mas, cá entre nós, as viagens nunca são tão perfeitas assim. Confirmei isso logo depois. Voltava caminhando para o ponto, a fim de pegar o Bondinho para ir embora, quando um grito mudou toda a tranquilidade dos meus passos.

"É o último". Último? A palavra ecoou em minha mente e quando caiu a ficha sobre o que era o último, comecei a correr. Pelos anos de treinamento correndo para pegar ônibus ou não perder o último metrô, consegui chegar ao ponto antes do veículo amarelo andar.

O problema parecia estar resolvido, afinal, seria só entrar e partir, certo? Errado.

Todas as fileiras de bancos estavam lotadas. Ou melhor, superlotadas, já que cariocas e turistas pareciam se espremer para caber seis ou sete pessoas em um banco em que originalmente caberiam quatro.

"Vamos em pé", ouvi um dos meninos dizer e percebi imediatamente o sotaque carioca. O maquinista pareceu não se opor, e logo as pessoas subiram.

Sem escolhas, subi também. Outras pessoas que estavam no ponto também se aventuraram.

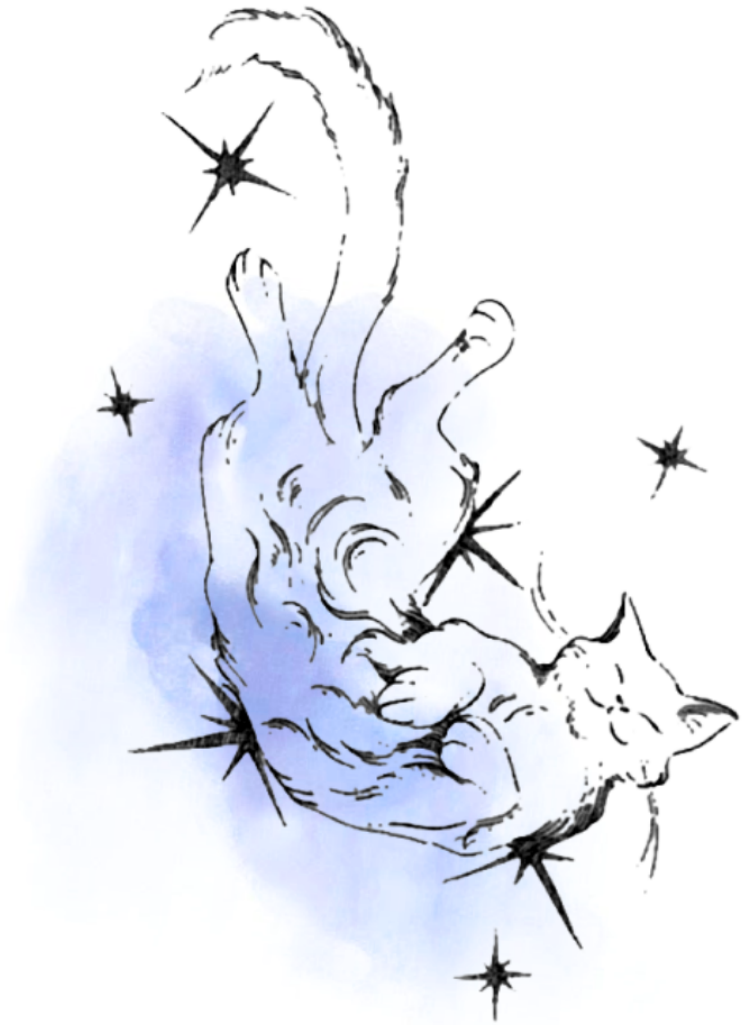
Se a vinda foi emocionante olhando a linda vista do primeiro lugar, voltar em pé, espremida no fundo do bondinho com mais umas oito pessoas em um espaço que seria dedicado somente ao maquinista, foi… único.

Talvez fosse a aflição por estar fazendo algo aparentemente ilegal – já que avisos de "proibido viajar em pé" estavam grudados no bondinho – ou a adrenalina de poder cair ou derrubar

o celular a qualquer momento para fora do bondinho, mas meu cérebro nunca esqueceu desse passeio especial.

Porque sim. O Rio de Janeiro continua lindo e o Rio de Janeiro continua sendo… único.

II



ANIMAIS
DE ESTIMAÇÃO

Frederico! FREDERICO!

Diego Facundini

Seja pela sua mansidão, seja pelo olhar compenetrado, Frederico, que era cão, mais se parecia com gato. Adorava, porém, os passeios nas ruas, onde, como modelo na passarela, atraia os olhares de todos. "Olha a língua roxa!", diziam as crianças para suas mães, apontando para o animal que, na coleira, arrastava a dona de poste em poste. O simpático Chow-chow ostentava uma pelagem farta, transicionando entre tons de paçoca, caramelo e doce de leite. E era por isso que, a certa altura do mês, acumulava seu odor bem característico. Frederico, que virou Fred, logo passou a ser chamado de Fedô.

A maior parte do tempo, no entanto, ficava em sua casa, imerso em sua solidão. Com o rosto escondido por entre as patinhas, repousadas na cerâmica fria do chão, seus olhos pareciam entender de uma grande tristeza a qual nós, seres humanos, ainda éramos ocupados demais para perceber. Quieto e sereno, era cachorro que mal ladrava. A primeira vez que latiu foi durante sua pequenez, na loja, enjaulado, quando percebeu que seus donos já se despediam de mãos vazias.

"Voltem!", clamava, "É vocês que escolho para viver!".

Desde então reservou-se a observar o mundo com uma curiosidade distante.

Dos donos, pegou de cada um um pouco. Da mãe, o sorriso que vez ou outra esboçava, o rabo que insistia em abanar, a obstinação para se fazer de sombra e segui-la de um lado para o outro da casa. Do pai, o silêncio, e a preguiça que vez ou outra desembocava em uma estranha letargia. E do menino… Talvez fosse com o menino que compartilhasse aquela grande angústia que por sua vez os seguia como sombra, que pesava nas costas durante as caminhadas. Eram companheiros no fascínio e na distância, em abraços desencontrados e dias vazios. Pouco se podia falar daquela amizade que não fosse uma conexão extraordinariamente solitária. Para o cão, o menino oferecia desenhos e confissões e eventuais cafunés durante os momentos silenciosos de tédio.

A menina, no entanto, foi-lhe posterior, e evidentemente dela não pôde pegar nada. Talvez por isso a menina se viu obrigada a pegá-lo, ela mesma, para si. Em pouco tempo de vida, tornou-se, do cachorro, a maior idólatra. Com abraços, beijos, artes e carícias, ela dedicava o mundo a seu maior amigo, que, por sua vez, observava silente cada passo e gesto solene. Fez dele boneco, pintura, fotografia, fundo de celular e uma obsessão de vida.

Aos exatos 11 anos, após um estranho dia de passeio no parque, o cão descobriu-se diabético. Aos 12, suas perninhas começaram a ceder. Com quase 13, já não conseguia mais aguentar o peso daquela grande angústia em suas costas; vestindo sempre os laços da coleira, precisava ser erguido para as atividades mais básicas. No restante do dia, seguia deitado, cego, em seus lugarezinhos no chão gelado, e chorava uma dor que nunca havia chorado.

Deu seu último, longo suspiro no porta-malas escuro de um grande carro, repousado sobre uma coberta azul. Seus olhos curiosos, quem sabe, talvez ainda tenham conseguido pegar um último gesto de luz das janelas, distantes e quietas.

Uma traição que não vou precisar esquecer

Diogo Silva

Ao bixo que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver, dedico essas memórias póstumas:

As frias carnes de um ser que presenciou a pessoa que mais amava se transformar em uma ameaça mortífera - um lobo em pele de cordeiro.

Nós dois fomos apresentados como dois desconhecidos na casa nova em que fomos morar, mas como dizem as mais galhofas das comédias românticas: foi amor à primeira vista.

Não demorou muito para começarmos um relacionamento. Passávamos o dia todo juntos, até porque a casa não era muito grande, parecendo mais uma prisão. Então além de um desejo era uma necessidade.

Em menos de um ano veio o que poderia ser a melhor notícia da minha vida, se não fosse o começo do meu fim: ela estava grávida. Foi um susto, pois isso não é uma coisa que é possível planejar, mas pensei:

"A vida está boa, a comida chega todo dia normalmente, por que não?".

Até aqui tudo bem (como disse o frango na porta do forno). A partir daí a pessoa que eu mais amava ficou irreconhecível. Ela ficou trancada no quarto com as crianças até elas nascerem e eu não podia entrar de jeito nenhum. Era só eu aparecer na porta que ela olhava para mim parecendo um falcão. Só precisava de um berro, e eu saia voando.

Fiquei um grande tempo sem vê-la, pois só podia espreitar pela porta aquele cômodo escuro.

Um dia eu pensei: "Basta". E fui falar com ela.

Cada passo que eu dava para dentro do quarto, ela se armava mais como se fosse voar no meu pescoço. E foi o que aconteceu: ela voou para cima de mim como um leão mata uma gazela.

A partir desse momento eu só lembro de lapsos. Eu deitado no chão de casa olhando para o céu, como uma baleia encalhada na praia. Eu estava sendo carregado para algum lugar: o teto preto. Um homem mexendo na minha cabeça, levantando o rosto e dizendo para alguém: "Agora é só esperar, não tem o que fazer". Teto preto.

A partir daí eu não sei o exato momento em que eu passei desta para uma melhor. No fim das contas, eu não conheci meus filhos, mas sempre me pego imaginando como eles seriam: grandes, fortes, com asas formosas, penas lindas e um bico que meterá medo em qualquer coruja. Enfim, nunca saberei.

Gato não sabe amar

Gabriel Carvalho

Meus pais sempre concordaram em uma coisa: um cachorro, talvez; mas um gato, jamais. “Gato é um bicho que não tem apego. Nem vai ligar pra você.” Dizia meu pai. “Você já sentiu o cheiro de xixi de gato? Pelo amor de Deus. Bicho nojento.” Dizia minha mãe.

Na rua onde eu morava tinha uma gatinha – Nina, o nome. Uma gatinha malhada, de pequeninos olhos verdes. A primeira vez que encontrei com Nina, não sabia mexer com gato. Só tinha interagido com cachorros até então, e assumi que deveria ser a mesma coisa. Resultado? Um arranhão grotesco na mão e cicatrizes nos dedos que carrego até hoje.

Da segunda vez, ao menos já sabia o que não fazer. Da terceira, ela já começou a vir de encontro até mim do outro lado da rua. Depois de tantos encontros, descobri uma Nina manhosíssima. Se esfregava nas pernas, e deitava na minha frente para garantir que eu não ia passar sem dar atenção à ela. Conhecendo a Nina, entendi que não é você que escolhe o gato, mas sim o contrário.

Quando me mudei para São Paulo, fui morar em uma casa que já tinha dono. O morador fixo da pensão era Marcos, um gatinho *ragdoll* de olhos azuis brilhantes e um temperamento incompatível com sua fofura.

Estando sozinho nessa cidade, era de se esperar que eu me apegasse ao bichano. Toda noite, quando eu chegava em casa, procurava ele por todos os cantos. Mas ele, no seu mau-humor habitual, fugia pro telhado e por lá ficava. Demorou um pouco para que ele me escolhesse, mas em algum momento, aconteceu. Criamos uma rotina juntos. Todo dia de manhã, ele miava na minha porta para que eu abrisse e ele pudesse ficar por perto enquanto eu tomava café. Se eu não atendesse, pulava minha janela e me acordava subindo em cima de mim. Ao longo do dia, ele se esticava na frente da porta, e por vezes tirava um cochilinho. Nas noites frias, vinha pedir para dormir no pé da minha cama.

Um dia, um outro morador chegou em casa com uma tapuer enorme, cheinha de molho de salsicha. “Fui numa festa, e sobrou”, ele disse. “Pensei em trazer pra casa e deixar aqui na mesa da cozinha para quem quiser comer.” Na manhã seguinte, não acordei com os miados do Marcos na minha orelha, nem suas patas na minha cara. Quando cheguei em casa à noite, encontrei na minha porta aquela bolinha de pelos encolhida, acanhada, e com uma carinha de choro que eu nem sabia que gatos eram capazes de fazer. Deduzi o óbvio. Fui até a cozinha, e lá estava (ou melhor, não estava): o pote de salsicha pela metade. Marcos aproveitou a quietude da madrugada e fez a festa com aquilo, e agora seu pequeno corpinho felino estava amargamente arrependido.

Morei pouco mais de um ano com Marcos. Meses depois de me mudar, descobri que ele seguia indo até minha porta todas as manhãs, mesmo que ela não se abrisse com seus miados. De

vez em quando, sozinho, tenho a impressão de vê-lo na minha porta, esperando por companhia. Conhecendo o Marcos, me lembrei da Nina, e conhecendo os dois, nunca vou entender quem diz que gato não sabe amar.

Como lidar com o envelhecimento dos pets?

João Chahad

Como lidar com o envelhecimento? Em casa, eu já nasci com dois amigos. Mas eles não eram meus irmãos.

Nós vivíamos no mesmo apartamento, cerca de setenta metros quadrados divididos para cinco. Dois deles já eram adultos, os meus pais. Por cerca de dois anos, existiam naquela casa três seres pequenos que caminhavam em quatro patas de um lado para o outro.

Os três competiam para ver quem fazia mais bagunça. Um roubando os brinquedos dos outros, dormindo em camas alheias. Tinha um certo alguém que até comia a comida dos outros dois. Os três brincavam muito, tinham energia inesgotável. Pulavam, corriam, gritavam e latiam o dia todo. Brincavam de bola, com o osso, com brinquedos plastificados que às vezes não duravam uma semana

O tempo passou, e um dos adultos saiu da casa. Nós três ficamos divididos: para onde iríamos? E com quem iriamos? No final, nossas vidas ficaram ligadas àquele apartamento. E honestamente, as coisas eram mais fáceis assim. As ruas, os sofás, o piso, os vizinhos barulhentos ou até o cheiro dos produtos de limpeza. Tudo já era bem conhecido.

Eu ainda não sabia, mas isso seria muito importante para os meus amigos. Enquanto eu ainda descobria o mundo, novos sentimentos e lugares diferentes, os outros dois estavam em outra fase da vida.

Minha mãe me dizia: cuidado, ela já é velhinha, não pode ficar brincando assim. Mas eu não entendia, como eles eram considerados velhinhos se tinham nove anos, assim como eu, que ainda era criança?

Percebi que já não eram como eu quando não conseguiam mais subir no sofá sem a nossa ajuda, que tinha cerca de sessenta centímetros de altura. Quando chamava eles não me escutavam mais. Ou quando colocava comida e eles comiam menos da metade do pote.

Cresci com dois cachorros da raça Yorkshire. Eles viveram ao meu lado por 14 anos. Essa realidade me fez perceber bem cedo os efeitos do envelhecimento. Como a vida e o tempo trabalham e a responsabilidade que o tutor de animais de estimação tem. Entender o tempo que cada um tem é também entender como aproveitar cada passo da vida.

Entre algumas sujeiras aqui e ali e lanches roubados, o importante é criar esses momentos e dar carinho todo dia!

Navio de Teseu

Marcelo Teixeira

Desde que me lembro por gente, ao chegar no pequeno sítio da minha avó, na cidadezinha de Jacareí, sou recebido pelos latidos de três cachorros.

São os três cães da minha avó - "filhos", como ela gosta de chamar - que habitam seu sítiozinho. Correndo, brincando, latindo um para o outro em todas as horas do dia. Quando era pequeno e ia todo mês lá, esses três eram membros da família tão importantes quanto meus primos, criando sempre que podiam brincadeiras, barulhos e problemas. Mas quando eu e meu irmão lembramos dos nossos primeiros momentos no sítio, os nomes dos cachorros são diferentes para cada um. Porque embora sempre houvessem três cachorros no sítio, seus nomes nunca pararam de mudar.

Primeiro, havia Holyfield, o bravo, Buddy, o leal, e Beethoven, o calmo. Do Holyfield, não me lembro tão bem quanto meu irmão; sempre mantido em uma área fechada quando íamos visitar, o cão tinha uma tendência a atacar pessoas que não conhecesse muito bem. Fazia sentido que eu, o mais novo, não fosse permitido vê-lo muito.

Mas, depois de alguns anos, Holyfield foi ficando velho e um dia não estava mais lá no sítio. Suas rosnadas grossas e passos pesados até fariam falta, deixando o sítio um pouco mais vazio, se poucos meses depois Eddy, o ansioso, não estivesse lá. Liberado para ficar perto das crianças, Eddy, com seus latidos constantes, ficou encravado na minha cabeça como um membro tão natural desse trio de cachorros quanto Holyfield uma vez foi.

Alguns tempo depois, Buddy, agora o mais velho do grupo, começou a ficar doente. Foi um momento muito triste, vendo um cachorro com o qual brinquei quase desde que nasci ir embora. Mas, a mesma história se repetiu, alguns meses depois de partir, Bianca, a animada, estava no sítio. Para mim, foi estranho vê-la em seu lugar, tão magrela e mais disposta em comparação a Buddy, mas para minha prima mais nova, a Bianca se tornou parte tão inseparável do trio quanto Buddy fora pra mim, ou Holyfield para meu irmão.

E assim se seguiu essa tradição. Há algum tempo, o queridíssimo Beethoven, talvez o favorito meu e do meu irmão, com quase 15 anos se foi, e Quica, a desconfiada, chegou do dia para a noite em seu lugar. E por fim, algumas semanas atrás, chegou a vez do Eddy, para mim tão novo, mas agora o mais velho do trio.

Como no Navio de Teseu, não consigo dizer exatamente em que momento o trio que era tão próximo de mim tornou-se completamente diferente, quase irreconhecível. Mas sei que para minha avó, cada cachorro foi tão próximo quanto o último, e que esse trio, independentemente de quem o compusesse, continuará sendo uma das coisas mais importantes na sua vida.

Mas o que é engraçado sobre essa tradição é que ela é muito mais antiga do que parece.

Mesmo antes de morar no sítio, trabalhando como costureira em São José dos Campos, a minha avó ainda cuidava de um trio um pouquinho diferente: o André, o Maurício e o Ricardo, meu pai e meus dois tios.

Rex não viu a praia

Nicolle Martins

Fiz minhas malas e então me despedi de você. A lista com todas as coisas já estava pronta, então não demorei muito com elas. Mas quase me atrasei pela despedida. No voo, fiquei pensando em você, como seria para você ficar sozinho?

A senhora ao meu lado, não sei como, pareceu ler minha mente e passou minutos até a decolagem reclamando que sua shitzu teria que passar sete dias no hotelzinho, porque seu neto não aceitaria um pet de jeito nenhum na casa dele. E eu ri, é claro, e concordei.

"É minha filha, não sabem a importância que um animalzinho tem na vida da gente. É um amor de outro mundo". Balancei a cabeça, de novo, e agora ela quem sorriu pra mim.

"Mas você eu posso ver que sabe, pelo seu colar". Ela se referiu ao colar de patinha que ganhei no meu aniversário de 15 anos, aquele que você deveria levar a boneca embora e ajudar a trazer o sapato para a cerimônia. O que, é claro, cê não fez. Sempre foi muito genioso.

Percebi logo o que a faria sentir melhor. Saquei o celular da bolsa e mostrei fotos suas, sempre com sorrisos caninos.

"Esse é o Rex" eu disse, rindo ao ver os arquejos e expressões exageradas da senhora te vendo de chapeuzinho. Ela logo me mostrou fotos da Chloé, a shitzu mais adoravelmente esquisitinha que eu já vi.

Nós não nos falamos pelo resto do voo, mas ela se despediu com acenos calorosos

Lembrei dela por várias vezes na viagem, quando vi shih tzus passeando pelo calçadão, e lembrei de você também. A noite era pior.

Quando chegava no apartamento alugado com os amigos, depois de exagerar no álcool (porque, afinal, a gente tava de férias), abrir a porta e ninguém pular sobre mim.

Nenhuma bola de pelos. Nenhum brinquedo babado. Ver somente nas fotos os seus olhinhos brilhando. Por um instante, ficava até triste em voltar, preferia continuar na rua.

Você teria adorado vir também, conhecer a praia, correr entre os baldes cor de rosa, receber carinhos de senhoras idosas como a dona da Chloé, de quem nunca soube o nome.

Sete dias depois, eu voltei para casa.

Ao meu lado no avião não veio nenhuma mãe de pet e, com meus amigos em poltronas separadas, não tinha ninguém pra conversar.

Enquanto eu podia usar o celular, me entretive com nossas fotos na galeria.

No Uber, voltando do aeroporto, meu peito se encheu de ansiedade. Tive que me segurar para não correr os poucos metros até o portão. Na garagem, vários brinquedos seus estavam espalhados, todos destruídos.

E então, como nos últimos dias, abri a porta com expectativa. E, mesmo aqui, você não correu até mim, pra me cheirar, lamber e quase me derrubar.

Só então minha ficha caiu. Aquela tinha sido nossa última despedida.

III

MORTE

Preparativos paliativos

Alícia Matsuda

"O titio morre hoje. Ou talvez amanhã, não sei bem", disse a mamãe.

Naquelas férias de julho, alguma coisa pesava o ar. Talvez o vírus mortal, talvez as notícias mórbidas, mas não aquela notícia – aquela notícia soou quase um canto de liberdade. Era o que precisávamos… Que generoso o titio! Logo agora, dar a vida pela gente… Façamos as malas! Visitamos as máscaras! Máscaras pretas, é claro, deve ter alguma na farmácia.

Nos lambuzamos de álcool em gel e finalmente saímos de casa. Debaixo da máscara (preta, é claro), eu escondia um sorriso. Foram seis horas de estrada até o hospital em que ele nos esperava. Nos outros cantos da cidade, meus avós e primos de segundo grau, e os que eu nem lembrava o nome, se preparavam para a despedida.

Para a nossa surpresa, quando chegamos, foi o titio que nos recebeu, assim na sala de casa. Moribundo, sim, mas vivo. Amarelado, fraco, mas não dava pra dizer que ele não estava vivo, vivo daquele jeito… Vivo como quem vai morrer. Mas, pra morrer, só é preciso estar vivo e ele cumpria os requisitos. É a "*melhora da morte*", uma recuperação súbita nos sinais vitais, uma lucidez, uma disposição logo antes do falecimento.

E que jeito melhor pra se despedir, se não assim? Família reunida depois de tanto tempo, conhecendo os bebês inéditos, filhos da pandemia, as crianças que tinham espichado dentro de casa…

A gente tinha achado uma brecha na lei. Não podia sair de casa, mas você chamaria um velório de aglomeração? Eram preparativos. Preparativos paliativos. Os quartos encheram, colchão na sala, não cabia mais carro na garagem, café da manhã pra quantos? Perdi a conta. Quanta gente amava o titio! Com uma morte dessa, eu morria de felicidade. Isso, eu. Ele? Não. Ele continuava ali, no canto da sala, entre uma mala de rodinhas e um *notebook* de *home office*. Sexta-feirae sábado também foi assim.

Sabe quando você se despede de alguém e vocês continuam andando pro mesmo caminho? Esse exato sorriso amarelo. Quando chegou o domingo, o pessoal precisava voltar para São Paulo, não dava mais pra ficar feito urubu. Quanto mais tempo a gente passava ali, mais perto o titio tava de morrer, esperamos tantos dias, não tem mais cabimento ir embora logo nos 45 do segundo tempo.

Será uma questão de etiqueta? Ele não querer morrer na frente da visita? A contagem regressiva já tinha zerado o cronômetro e agora o tempo só ia pra frente. Aqueles bebês-bicho-do-mato choravam e a gente começou a se estranhar. Aquilo ali já estava aparecendo um velório antes fosse.

O titio morreu na segunda-feira à tarde, aos 81 anos. Nos abraçamos tristes e debaixo da máscara escondemos o sorriso.

Nos confins do adeus

Artur Abramo

Não sei para onde as pessoas vão depois de dizer adeus, mas sou curioso de saber. Não tenho, em mim, religião que explique. Tampouco desacredito desse destino. No entanto, reconheço a ternura do termo: entregar quem se vai àquele que melhor poderia recebê-lo.

Quando pequeno, não tive notícias da morte ao redor, fui sofrer com isso mais maduro, menos preparado. Criado em uma família ateísta, restou-me desenvolver crenças próprias. Minha primeira ponte com o místico foi o futebol. Precisava crer em mais que campo e bola para me apaixonar por um time recém-rebaixado. Era esse, também, o elo mais forte com meu primo Gabriel.

Gabriel partiu há sete anos, quando eu tinha 15, ele, 25.

Na jornada do luto, reencontrá-lo foi o mais desafiador. Recusava-me a aceitar sua ausência, muito me doía não ter me despedido. A última troca de mensagens dizia respeito ao tema que, mesmo em espectros opostos, mais nos uniu. Palmeiras e Corinthians. Para ele, Corinthians e Palmeiras.

Para ele, também, La U. Time de coração no Chile, onde nasceu e morreu. Viajei para o sul do país em janeiro de 2020. Vi vulcões, pinguins e muito cobre. Banhei-me nas águas mais geladas que experimentara. Frio maior não senti, porém, que com a ausência de Gabriel. Queria sua companhia.

Voltei para Santiago, capital, local onde ele pisou pela última vez. Frustrado com minha busca, exausto de procurá-lo nas cordilheiras que via da janela de seu quarto. Montanhas peladas, afinal, era verão, havia poucos rastros de neve. Quando fui ao Chile em 2017, havia neve, também tinha o Gabriel.

Dessa segunda vez, vi mais verde. Embora também muito amarelo, árido. Cores coerentes com os 35° graus que acompanhavam minha estadia. Sentia calor quando pegava o ônibus ao final da tarde enquanto voltava do curso de espanhol para casa da minha tia. Suava muito, detesto calor. Mas era rotina, acostumei-me àquela sensação.

Uma das viagens, no entanto, me acalentou mais que as outras. Entrei no ônibus apaziguado por uma melodia. Reconheci as notas que um jovem violinista barbudo tocava. Como pudera conhecer aquela música? Possuía pouco ou nenhum repertório musical daquele lugar. Tinha em mente uma única canção. Era esta.

"Te vas de mi", de Tata Barahona, artista chileno de folk. Conhecido não além de no país que nascera, mas por travessura do destino, eu conhecia especificamente aquela faixa. Não apenas sabia do que se tratava a música, mas decorara a letra. Falava sobre a partida de alguém querido. Mencionava o fim e o recomeçar. O fogo que se extinguia, o inverno do luto.

Ouvia quando sentia falta de Gabriel. Estava entre as preferidas dele como o sucesso de Pink Floyd, que também traduzia meu sentimento. *Wish you were here*. Queria cantar com ele

uma última vez e dizer, enfim, adeus e descobrir em que ponto ele desceria. Mas ele já estava ali. Presente naquela figura, naquela canção que me acompanhava no curto trecho por Nuñoa, bairro de sua vida.

Gabriel estava comigo. Como memória, como motivo. Estava presente em um lugar de onde nunca havia partido. De onde nenhum adeus consegue tirar.

A morte da goiabeira

Davi Madorra

Eu sou criança; os homens da minha família reformam o quintal. Pergunto a eles quase todos os dias: "será que dá pra fazer uma casa nessa árvore aqui?", apontando pra goiabeira.

Sempre que fico triste e quero chorar, subo no alto da goiabeira. Minha tia pensa que é pra me esconder; mas, pra esconder, é bem melhor a árvore do jardim, que é alta e densa. A folhagem da goiabeira é rala, seus troncos são espaçados e não vão muito além do chão. Minha tia não sabe, mas subo na goiabeira pelo motivo oposto: quero ser visto. Com olhinhos marejados, escalo a árvore como quem sobe em um pedestal, esperando que minha ausência os alcance e que venham perguntar como me sinto. Não qualquer um, porém. É um jogo de sorte! Se ouço em minha direção passos leves, um caminhar quase descalço, já sei quem é e respiro aliviado! É minha tia, minha mãe ou minha avó – uma delas já a postos para me acudir com um abraço que vem direto do ventre. Mas se os passos que se aproximam são rápidos e primitivos, é terrível! Quem vem é meu tio, ou pior, meu avô, ou ainda, meu Deus, pode ser meu pai! Um homem vindo em minha direção, com a boca já cheia das represálias de sempre – este é o maquiavélico pesadelo. E aí, sim, desejo estar na árvore do jardim. Desejo que a goiabeira tenha folhagem densa e troncos rentes uns aos outros; que tenha dez mil quilômetros de altura. "Desce daí! Parece uma banana chorona!", meu pai me disse uma vez. E eu respondi, colecionando coragem: "**não seria uma goiaba chorona**?".

Daí o desejo da casa na árvore: se for minha tia, minha mãe ou minha avó que se aproximam, fico ali fora, esperando consolo. No entanto, se no corredor que leva ao quintal ecoarem passos masculinos, pulo pra dentro da casa, rapidamente enxugo as lágrimas e viro um rapaz ao sair dela! "Vocês vão fazer a casa na árvore?!", pergunto mais uma vez ao meu pai, que sorri, olhando para meus tios. E subo na goiabeira para admirá-los dali. Estão hoje em três. Três homens de meu sangue, nus da cintura pra cima e com torsos preguentos de suor, tomados por uma musculatura que nada se assemelha àquela que conheci na fantasia romana, nos desenhos animados. Seus músculos são, ao contrário, aqueles que jamais poderiam ser obra de algum genial escultor; são forjados somente por virtude bem maior do que a arte: o trabalho. E, por isso, encantam. Parecem a criação direta do sublime acidente cotidiano que os submete aos ofícios braçais.

Dez anos depois, dois tios morreram, franzinos de câncer, incapazes do labor. E nunca tive, para chamar de minha, uma casa na árvore. As lágrimas foram ficando, também, cada vez mais escassas, até que delas não dei mais falta. E, por isso, há anos, também não dou falta da goiabeira. Um tio morto deixou uma filha, minha prima, uma menina que, segurando minhas mãos, leva-me ao quintal da casa – praticamente intocado desde minha infância, como deve ser com as boas obras. Ela aponta pra goiabeira.

– Deu fongo em tudo, a vovó disse. Aí morreu e teve de cortar.
– Fungo?
– Quê?
– Deu fungo?
– Sim, aí morreu e teve de cortar.

Havia ainda restos mortais, uns poucos troncos rígidos da velha goiabeira, empilhados no chão. Amarramos dois em formato de cruz e os colocamos onde ela ficava. Por alguns instantes, pensei que era o enterro do meu tio. “Meu deus, onde essa menina vai se esconder quando quiser chorar?”, penso enquanto ela, de súbito, começa a chorar ali mesmo, na minha frente, um homem, como eu jamais ousaria ter feito. Penso em dizer pra ela que foi seu pai que instalou aquelas canaletas e fez, junto ao meu, o cercadinho das begônias. Mas não digo nada e seguro forte sua mão. Sou forte e, de novo, sou criança. Lembro-me de tudo. Dos aterrorizantes homens que, vivos e jovens, guiavam meus olhos. De quando queria ser como eles e construir, com meus próprios braços musculosos e para meus próprios filhos, a casa na árvore a mim nunca concedida. Seria um lugar para o qual eles poderiam correr quando me vissem chegando, mortos de medo. E eu gritaria, “eu sei o segredo de vocês, suas bananas choronas!”. Eu vivi tudo muito antes. “Não seriam goiabas choronas?”, um deles iria responder. Eu sei que iria. Seriam sangue do meu sangue.

Para onde levam os encanamentos?

Julia Alencar

Eu nunca experienciei a morte. Não conheço o sentimento de luto, graças a Deus. Tenho a impressão de que, dado o meu histórico, este seria o sentimento que me destruiria, assim como destrói tantas pessoas todos os dias. Nunca perdi um parente, um conhecido ou um amigo e espero que continue assim durante muito tempo. Agora, peixes, estes eu já perdi – e muitos. Em retrospecto, parece óbvio que seria uma ideia horrível deixar uma criança de sete anos cuidar de um peixe sozinha, quem dirá cuidar de quatro!

Alberto foi o nome que dei para o primeiro. Um lindo peixe beta, com escamas de um azul tão profundo que quase pareciam pretas sob a luz fraca do abajur florido do meu quarto. Minhas funções pareciam simples: limpar o aquário uma vez por semana e dar três bolinhas de comida, três vezes ao dia. E foram mesmo simples, até que minha curiosidade foi mais forte do que eu: se o peixe pode comer isso, deve ser gostoso, certo? Assim, nossa rotina mudou um pouco: duas bolinhas para ele, uma para mim. Duas bolinhas para ele, duas para mim. Três bolinhas para ele, três para mim. Minha mãe não demorou a notar que a comida estava acabando cada vez mais rápido e, como nunca soube que não era apenas o Alberto recebendo as bolinhas, falou para eu reduzir sua quantidade de comida. Em meu cérebro de sete anos, nem associei que poderia ser culpa minha e fiz como ela mandou. Um mês depois, chorei até soluçar e fiquei sem voz quando perdi meu primeiro peixe.

Pouco tempo depois, após muita súplica de minha parte, veio a Lili. Outro beta, dessa vez, de um vermelho leitoso, quase rosa. Eu estava determinada a não deixar que nada de ruim acontecesse com ela e jurei que nunca mais encostaria em sua comida. Dessa vez, seriam três para ela, nenhuma para mim. Quatro para ela, nenhuma para mim. Cinco para ela, nenhuma para mim. Não importava a quantidade de bolinhas que colocava em seu aquário, quando eu voltava para checar, ela já tinha comido tudo. A Lili viveu muito mais tempo do que o Alberto, mas, quando morreu, chorei igual. O que foi que fiz de errado desta vez? Nunca me esqueci de dar comida, até dava mais do que ela precisava! Quando percebi isso, assumi que tinha dado comida demais. Este tinha sido o problema, só podia ser.

Então, veio o terceiro. Roberto, nomeado em homenagem ao falecido Alberto, também tinha escamas azuis, desta vez, um pouco mais claras, iridescentes. Agora, já ciente e disciplinada quanto à quantidade de comida a colocar, não errei mais. Minhas amigas vinham em casa e observavam suas escamas refletindo o sol que entrava pela janela. Isto foi em 2013, quando eu já tinha oito anos. Nessa época, fui com a minha família para a Bahia, e lá minha mãe me contou que estava grávida do meu irmão. Durante as duas semanas em que ficamos viajando, ninguém estava em casa para cuidar do Roberto e limpar seu aquário. Quando voltamos, um pouco de sujeira tinha se acumulado nas paredes, mas nada que parecesse preocupante. Limpei o aquário e troquei a água. Poucos dias depois, um dos olhos do Roberto começou a ficar inchado. Ele tinha contraído

uma infecção. Chorei tanto que convenci meus pais a levarem-no a um veterinário. Ele disse que poderíamos fazer exames e medicar o peixe, mas que levaria um tempo até que Roberto ficasse bem. O que o veterinário contou apenas para meus pais foi que, embora pudéssemos começar o tratamento, ele já não viveria mais por tanto tempo; a infecção se espalhou rapidamente. Na mesma semana, perdi meu terceiro peixe.

Ainda assim, de todos eles, o quarto foi o que mais me traumatizou, muito em função da incerteza sobre o que aconteceu com ela. Karina, minha última peixe beta, vivia a melhor vida possível: nunca me esqueci de dar comida (três bolinhas, três vezes ao dia), nunca me esqueci de trocar sua água ou de limpar seu aquário e até comprei decorações novas que, conforme eu achava, combinavam com sua personalidade. Ela foi, de longe, meu peixe que viveu durante mais tempo. Até que, um dia, não viveu mais. Cheguei da escola empolgada para dar suas três bolinhas de almoço e lá estava ela, inerte no meio do aquário limpo. Bati no vidro, coloquei comida, tentei até encostar nela com meus dedinhos gordos para ver se tinha alguma reação – e nada. Chorei confusa durante mais de meia hora, perguntando-me o que tinha feito de errado. Quando minha mãe conseguiu me acalmar e eu finalmente parei de chorar, aceitei que não havia mais nada a fazer. Era hora de me despedir e devolver seu corpo para o mar, igual em *Procurando Nemo*. Todos os encanamentos levam para o mar, né? Claro que sim, era assim na história de *Procurando Nemo*. Coloquei Karina no vaso e, quando apertei a descarga para reuni-la aos outros peixes no mar, pude jurar que a vi se mexendo. Com certeza, foi a movimentação da água, eu tinha convicção de que ela já tinha morrido, mas, durante dias, aquele pensamento me assombrou. E somente anos depois fui descobrir que os encanamentos não levam, de fato, para o mar.

No meio do caminho

Marina Giannini

Tropecei. Como Drummond previa, tinha uma pedra no meio do caminho. Me vi estatelada entre o meio-fio e um canteiro de plantas esmagadas pela minha queda. Mais estranho do que chegar no colegial com o joelho ralado foi perceber o que estava ao meu lado. Em um vaso de cerâmica, uma galinha com o pescoço torcido, rodeada por velas derretidas.

Pelo cheiro de putrefação e o grau de degeneração do bicho, a composição encontrava-se no canteiro há uns bons dias. A morte não era nova — estava instalada nas raízes, no barro, nos ossos. Quieta, como parte da paisagem.

Pouco me interessou a motivação por trás do feito, estava inconformada por uma mudança dessas ter me fugido ao olhar. Até então, tinha certeza de que conhecia cada pedaço das duas ruas por onde passava até o colégio. Duas vezes por dia, cinco vezes por semana. No meu inconsciente, dominava cada detalhe daquela paisagem. Não havia notado uma galinha desfigurada que contrastava com o verde das plantas. A morte estava lá, não escondida, mas ignorada.

Desconcertada, comecei a observar a rua à minha volta. Um poste perigosamente inclinado surgia. Sobre uma das casas, uma chaminé. O muro de outra estava escondido atrás de trepadeiras. Folhagens cobriam o céu. Despontava para mim um novo cenário. Eu estava condicionada a olhar sem ver. Levantei, chutei o pedregulho para longe e segui adiante.

De segunda a segunda na penumbra

Pedro Morani

Em julho de 2012, em mais um mês de férias, meu pai decidiu que iriamos para Uberlândia, cidade do triângulo mineiro. Para quem não conhece a região, o turismo não é o seu grande forte. Na verdade, não estávamos indo para conhecer a cidade, mas sim ver o meu avô, que estava muito doente. Não sabíamos exatamente, mas aquela visita foi um velório antecipado para nós, porque uma semana depois ele veio a falecer.

Num sábado, pela manhã, entramos no carro e partimos em direção à cidade mineira. Eu, meu pai, minha mãe e meu irmão e toda a nossa bagagem no porta-malas. A estrada tortuosa que liga São Paulo a Minas foi ambientada pela poesia de Maria Bethânia com seu album "As Canções que Você Fez para Mim", de 1993, e que moldou a minha relação com a música por boa parte da infância.

O vento gelado, em um momento em qua ainda existia inverno, era complementado pela entrada de raios solares. O trajeto, em teoria de seis horas, levou mais ou menos dez, por causa do inerente cuidado que o meu pai tem nesses momentos. A primeira parada para o café da manhã, depois, claro, o almoço, e, quem sabe, um lanche da tarde. Metódico, ele sempre teve em sua mente as cidades certas para se parar, e uma lista de estabelecimentos para ir, sem nunca mudar.

Quando estávamos na segunda parada, comecei a sentir uma forte dor de ouvido. Definitivamente a pior dor que alguém pode sentir. Não conheço tantas, e espero continuar assim. Gosto de responsabilizar minha mãe por enviar uma criança para as aulas de natação mesmo no rigoroso inverno paulistano, e ainda depois ter que ir à escola como se não bastasse. Pois bem, da metade do trajeto em diante, a minha tranquila e pacata viagem foi a minha primeira brisa de fato.

Minha mãe passou a me dopar com remédios, e a dor de ouvido me deixava cada vez mais alheio ao mundo. Parecia que a única coisa que eu sentia era o martelo, a bigorna e o estribo. Em uma sinfonia perfeita, eles pareciam estar colapsando enquanto ao fundo a cantora baiana continuava a cantar sem parar. Como um milagre, eu finalmente consegui dormir.

Quando chegamos, meu pai me levou para o quarto e explicou toda a situação. Enquanto despertava na cama, lembro do incomodo que a luz branca causou aos meus olhos, de um cheiro de coxinha no ar e da voz grave do meu avô dizendo "coitadinho do menino, Edmar! Mas a Cida vai cuidar dele". E ela realmente cuidou. Minha avódrasta, ou avó postiça, como preferir, foi quem tirou a dor do meu ouvido.

Deixando de lado o meu primeiro momento de enfermidade, o resto da viagem foi baseada em ser curado pela Dona Cida. Cozinheira de mão cheia, ela fazia tudo todos os dias. O café da manhã digno de hotel era ainda melhorado pelo banquete do almoço, com pratos super elaborados. A tarde era invadida pelo cheiro do pão de queijo caseiro que sempre vai ser o melhor que já existiu, e na janta, tudo novamente.

Um dia, enfim, a comida não me parecia mais apetitosa. Após uma ida ao hospital, meu

avô voltou de forma assustadora para casa. O câncer na perna já tinha a dominado por inteira. Com o ímpeto de vê-lo, adentro o quarto e o vejo lá, estendido com a perna necrosada, quase verde, e tão inchada como nunca tinha visto antes. Naquele dia, nada que a Dona Cida fez me desceu. Não comi nada o dia inteiro, até que, no final do dia, finalmente consegui mastigar alguns biscoitos de polvilho e bebericar um copo de fanta laranja.

De Uberlândia, diretamente para a minha segunda casa realmente, São Bernardo do Campo.

Na casa da minha avó materna, meus pais contam para todos a situação do Seu Hédio, personagem quase folclórico que, mesmo no fim da vida, não perdeu a sua postura. Fomos dormir, no meio da noite escuto uma movimentação e minha mãe vem até o meu quarto e conta, "seu avô faleceu".

Enquanto vou descendo as escadas segurando um copo, começo a chorar, a tristeza que me invadia finalmente conseguiu ser expressada. Abraço o meu pai, falo meus pêsames, sempre fui uma criança que queria ser adulto, e voltamos a dormir. Pela manhã, voltamos ao carro cheio, ao vento gelado, aos raios de sol e a Minas, sempre embalados pela voz da filha de Dona Canô.

A estrela cor-de-rosa

Sofia Zizza

Estava saindo da escola com a minha mãe, quando a dona Inês disse que queria me dar um presente. Eu gosto muito dela e, além de dona da escola, ela é também avó do meu melhor amigo.

O presente era um livro e chamava-se a Estrela Cor-De-Rosa. Ela disse que se lembrou de mim quando leu. Agradeci e fiquei ansiosa para saber do que se tratava.

Entrei no carro e logo fui folhear. As páginas eram lindas e os desenhos também eram muito legais. Em casa, minha mãe leu comigo e descobri que a história era sobre a avó de uma menina, que tinha virado uma estrelinha, uma estrelinha cor de rosa.

Não entendi porque a Inês me deu esse livro, mas ele é bem bonito. Certo, há uma coincidência: eu e a menina do livro temos 6 anos. As diferenças são que ela é loira e eu tenho cabelo castanho, e que a minha avó ainda está aqui. As duas estão.

Na verdade, a vovó Marli está no hospital e a mamãe vai sempre visitar ela. Eu também vou, às vezes. Agora, a mamãe está me deixando ir menos, mas, uma hora, a vovó sempre volta para casa dela. É assim desde que eu nasci.

Passou um tempo e eu estava na casa do meu pai. Era o dia da semana que durmo lá. Só que, nesse dia, ele não me acordou para ir para a escola. Levantei confusa, fui até o quarto dele e perguntei: “Pai, não vamos para a escola hoje?”.

Ele me olhou. Estava um pouco diferente, não sei, ele parecia estar chorando. Meu pai me abraçou e pediu para contar a história do livro que a Inês tinha me dado. “Como ele sabia?”, perguntei.

Contei a história todinha, lembrava de todos os detalhes. Quando terminei, com os olhos ainda mais marejados, ele me contou que a vovó Marli também tinha virado uma estrelinha cor de rosa.

Na hora, eu não entendi muito bem, mas sabia que ela não voltaria para casa dessa vez. Eu não poderia me arrumar com a vovó quando ela fosse sair, não poderia mais me vestir com as roupas dela, colocar os sapatos de salto e passar os batons de todas as cores. Eu até podia, mas não ia ter a mesma graça.

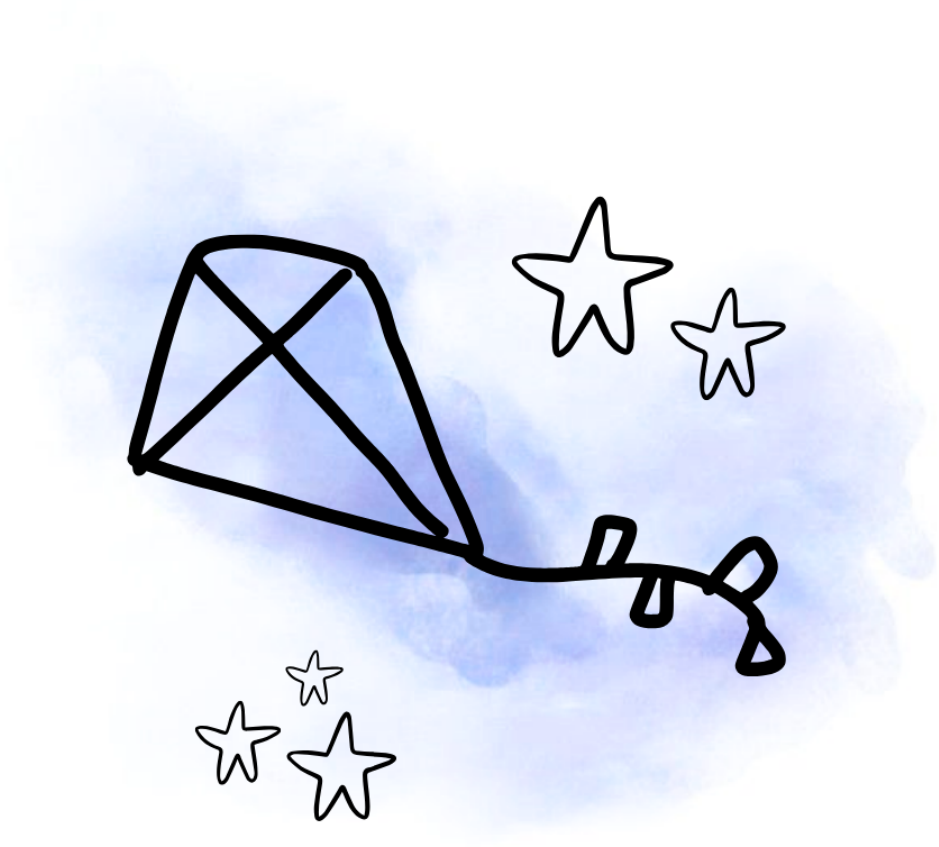
O papai me acalmou, disse que a mamãe estava cuidando de tudo e me perguntou se eu queria ver a vovó uma última vez. Eu disse que sim.

Então, eu descobri o que era um velório. A família toda estava lá. Até meu pai e meus outros avós estavam lá também, mesmo que ele não fosse mais casado com a minha mãe.

Meu primo Pedro não quis ir, mas eu entendo. Ele só tem quatro anos, enquanto eu já tenho seis. É coisa de crianças grandes! A mamãe estava triste, e eu fiquei triste de vê-la chorando.

Agora, eu e a mamãe sempre conversamos com a vovó, que está lá no céu. Às vezes, acho estranho que nunca a encontro em meio àquele monte de estrelas brancas. Fico com saudades, mas feliz de lembrar que ela é a estrela da cor mais bonita: a estrela Cor-de-Rosa.

IV



ÚLTIMAS VEZES DA
INFÂNCIA

É hora de dormir

Bárbara Aguiar

Quando o relógio marcava nove e meia, a televisão desligava, as luzes se apagavam e restava o escuro. Dormir era uma tarefa complicada. O momento de fechar os olhos e encontrar o descanso de um dia cheio de brincadeiras era repleto de uma imaginação cruel, regada pelo medo do desconhecido.

Todas as noites, eu arrumava desculpas para conquistar um espaço no local mais inalcançável pelos terrores imaginários: o colo da minha mãe. Ela, que já havia me acolhido durante meus longos cinco anos de vida, não queria mais compartilhar o espaço sagrado de sua cama.

Sozinha no meu próprio reino, o escudo contra o mal, que se escondia debaixo da cama, atrás do guarda-roupa e atravessava as frestas, era o cobertor, repleto de ursinhos rosa. Algumas vezes, quando o medo apertava, era preciso apelar para estratégias extremas de defesa: eu cobria toda a cabeça e, no calor e segurança da minha redoma, encontrava o sono.

Entender que o silêncio da noite poderia ser abrigo — para mim, não para meus medos — só fez sentido quando um querer nasceu: a vontade de estar só. Não de repente. O medo de dormir sozinha deu espaço para o desejo de aproveitar o pouco tempo particular comigo mesma.

No lugar de imaginar sombras na escuridão e transformar os ruídos da casa em sussurros, passei a ocupar a mente com lembranças do dia, planejamentos das brincadeiras da manhã seguinte e histórias fantásticas para interpretar com meus brinquedos.

Aos poucos, deixei meu escudo: primeiro, uns dedinhos escaparam do cobertor, depois o pé e, por fim… Ah, estava calor demais! Era melhor embolar tudo no cantinho da cama e me esbanjar para todos os lados do colchão.

O medo de dormir foi encolhendo e transformou-se no desejo de viver um novo dia. E, eu adormecia cheia de questionamentos. “Será que vai dar tempo de brincar de comidinha amanhã? E qual vai ser a merenda da escola? A minha boneca vai ser advogada ou engenheira?”.

Ah, que sono! Hora de dormir!

A última vez de uma criança antes de aprender a ler

Beatriz Haddad

Vogais, consoantes e junções de sílabas… como é banal pensar no alfabeto hoje em dia. É estranho lembrar que, em dado momento, decorar essas 27 letras, até então desconhecidas, era o maior desafio que via pela frente. "Primeiro o C, depois o A, depois o S e enfim o A de novo, e então temos uma casa. Ca-sa. Palavra engraçada. Por que não com Z?".

Costumam dizer que a leitura pode mudar vidas. Eu concordo, é claro. Mas, vez ou outra, eu me pego pensando: quando será que foi o meu último momento antes de aprender a ler? Como foi que aconteceu essa virada de chave tão significativa, a ponto de eu nunca mais ser capaz de olhar para uma palavra sem decifrá-la?

Que interessante isso! Aprendi a ler e, então, pude ver. Hoje, tudo tem significado. Quando olho para as placas nas ruas, elas já não me são mais um mistério, como nos meus cinco anos. As legendas na televisão, as sinalizações no parque de diversões e as letrinhas coloridas da "Menina bonita do laço de fita" já não são mais símbolos estranhos e confusos.

Lembro da vontade de aprender a ler e, finalmente, ser igual "gente grande". Mais que vontade, era uma urgência! Por quanto tempo encarei a capa de "Chapeuzinho Amarelo", determinada a dar o grande salto de ler o primeiro livro. Mas, então, como ficaria aquela versão de mim que, há pouco tempo, não sabia juntar "lé" com "cré"?

A infância é uma época marcada por uma série de primeiras vezes: o primeiro passo, a primeira palavra, o primeiro joelho ralado, o primeiro dente mole, e por aí vai. Mas, também há o caminho inverso das coisas: o das últimas vezes. A última vez em que acreditamos em guardiões mágicos como o papai noel e fada do dente, a última vez que sentimos medo de dormir sozinhos ou o último momento antes de estar prestes a dizer nossa primeira palavra.

Essas versões de nós são as que ficam pra trás. Uma hora, chega o momento de ser "gente grande" de verdade e, tudo aquilo que, antes, parecia tão desafiador, é perdido em um labirinto de banalidades.

Aquela conquista de ter lido as primeiras palavras dá espaço ao tédio da leitura de documentos enormes e cláusulas de contratos super formais. As legendas na televisão já não chamam tanto a atenção, afinal, adultos não têm tempo para ver filmes. As mensagens recebidas e enviadas se perdem em um piscar de olhos, e aquela história antiga da menina do laço de fita, agora, acumula poeira nos fundos da gaveta.

Apesar do choque que esse olhar para trás pode trazer, penso que, também, existe beleza nisso. Eu sou capaz de ver (e ler) aquilo que, antes, não fazia sentido. Lembrar da última vez de algum momento na infância é lembrar também que um dia não sabíamos de algo que, agora, sabemos. Que, apesar dos pesares, a resposta está em dar um passo após o outro.

Mentiras que contamos

Fernanda Zibordi

Se tem uma coisa que muitos de nós somos ensinados na infância é que não devemos mentir. Mentiras são traiçoeiras, causam dores de cabeça e o mais importante: têm pernas curtas. Elas podem ser inocentes, deslavadas, patológicas ou até mesmo caírem no complicado vale da meia verdade. Mas, há justamente um tipo de mentira que vai contra todas as outras e põe em xeque a nossa moral sobre o que é aceitável dizer e esconder. A 'mentira do bem' é sempre vista com bons – mas discretos – olhos, já que ela evita situações dolorosas e, de uma forma estranha, expressa certa empatia. Há um motivo nobre por trás? Então tudo bem!

E qual motivo mais nobre se não o de manter a magia da infância de uma criança por mais um tempo? É o que os meus, os seus e outros pais devem ter pensado ao se depararem com seus bebês – já não tão bebês assim – começando a entender que a realidade não é tão mirabolante quanto parece aos sete anos de idade. Nos primeiros 'porquês' mais ousados, os pais têm a escolha de rapidamente abrir o jogo com a criança ou de alimentar fantasias com data de validade. Em outras palavras, falar a verdade ou mentir enquanto der. Ou melhor: enquanto os pequenos não começarem a investigar, porque no momento em que eles começam, nenhuma entidade mágica está segura.

O Coelhinho da Páscoa foi o primeiro a ter sua real identidade revelada. Apesar do carinhoso esforço dos meus pais de, em toda Páscoa, fazerem rastros de coelho com farinha de trigo pela casa, a ideia de que um pequeno mamífero não só entregava como botava ovos de chocolate por aí me pareceu bastante suspeita! Rapidamente, compreendi como as distrações faziam parte do modus operandi do orelhudo e como, num piscar de olhos, alguém, que não ele, já havia trazido um ovo, dois ovos, três ovos assim.

A próxima vítima foi a endividada da Fada do Dente. Os hábitos noturnos da querida são uma boa desculpa para convencer as crianças a não esperarem sua visita até altas horas. Isso foi justificativa suficiente para mim por um bom tempo, mesmo após o incidente com o coelho, até porque, na cabeça de uma criança, uma coisa não tem a ver com a outra. Foi por um ato de ganância da minha parte que acabei desmascarando a fada. Durante a época de queda dos dentes de leite, resolvi acumular vários deles em segredo e fazer um investimento a longo prazo. Afinal, quanto mais dentes, mais dinheiro! Enfiei aquele punhado de falsos ossinhos debaixo do travesseiro esperando acordar rica no dia seguinte. Ver que todos aqueles dentes foram substituídos por uma única moeda me fez refletir sobre a probabilidade deste ser tão mágico e poderoso estar com a grana tão curta. A conclusão já dá para imaginar.

O último caso foi o mais difícil de lidar, já que, dentre todas as figuras fantasiosas, o Papai Noel era o meu favorito. Dessa vez, já estava treinada para que não houvesse nenhuma enganação: sabia bem que aqueles papais noéis de shoppings não eram reais. Era óbvio que só existia um único Papai Noel. Foi numa véspera de Natal com casa cheia que, ao interfone tocar

e eu ouvir uma voz grossa e gentil me chamando para fora, saí correndo para o quintal. Só me deparei com o quintal mesmo, nada de trenó e renas. Assumi que o suposto 'bom velhinho' havia acabado de me passar um trote e a confusão tomou conta de mim. O retorno para dentro de casa foi acompanhado por uma repentina aparição dos presentes debaixo da árvore, o que fez com que minhas suspeitas ficassem ainda mais fortes e eu seguisse para uma linha de pensamento que, como a infância, não tem como voltar atrás.

Essas e outras histórias de crianças só foram capazes de existir porque alguém contou uma mentira. Quando temos a oportunidade de estimular a criatividade e a imaginação nas etapas iniciais da vida de uma pessoa, o ato de mentir realmente não parece algo tão reprovável. Deve ser porque, no fundo, gostaríamos de compartilhar a gostosa sensação de quando essas mentiras ainda eram verdadeiras para nós.

O último silêncio

Lucas Lignon

Acordei diferente naquele dia. Não tinha motivo. Era só mais um dia como os outros 374 que eu já tinha vivido. Dia calmo, sem situações novas que os grandes adoravam viver comigo. E quanto eu já vivi com eles. Descobri muitas coisas, visitei muitos lugares, conheci muitas pessoas… Aquele dia era em casa, confortável e com o que já era conhecido, mas parecia que faltava alguma coisa.

Tinha acabado de tomar café da manhã com os grandes e estava brincando. Tranquilo. Quando eu queria outro brinquedo que não conseguia alcançar, apontava pra ele, resmungava um pouco e o grandes traziam para mim. Era fácil, eles achavam fofo, faziam sons para mim e eu retribuía. Dia calmo, mas faltava alguma coisa. Não era um brinquedo. Vinha de dentro. Como eu poderia pedir aquilo se eu nem sabia o que era?

Eu observava que os grandes soltavam sons coordenados. Não sei. Tinha algum padrão que queria dizer alguma coisa. Talvez essa fosse a solução. Eu também queria fazer aquilo. Mas quais sons eu poderia juntar? Dois diferentes? Dois iguais? Ou já arriscava três?! Não sei… Eu queria que fosse a combinação perfeita.

Não precisava ser perfeita. Mas eu ia arriscar. Pela primeira vez. Então queria arriscar em um ambiente seguro, confortável, aconchegante. Afinal, eu precisava coordenar a minha boca, os movimentos dos lábios e alguma coisa na garganta que eu nem sabia o que era. Eu precisava ter a certeza de que, depois daquilo, eu teria um colo para me segurar.

Estava na hora. Tinha algo fervilhando dentro de mim. Era o que faltava. Enquanto o coração batia forte, o pulmão inspirava calmo, se preparando para jogar, de volta ao mundo, algo a mais. Algo que estava querendo sair. Algo que, fora de mim, me traria uma conexão maior com quem eu era. Um grito de liberdade, acompanhado de carinho, afeto e proximidade. No novo, algo que já fosse conhecido. Que já fosse familiar. Eu já estava treinando para isso há um tempo, só que nunca consegui fazer do jeito que os grandes faziam. Inclusive, qual seria a reação deles? Será que iam me ouvir?

Não tinha tempo para pensar nisso. O coração batia cada vez mais forte em pulsações duplas. Aquele ritmo no meu peito já estava lá muito antes do meu primeiro dia, e esteve comigo em todos os dias seguintes. Eu sabia que era isso. Não dava mais para esperar. Era agora:

— Mamãe.

Na casinha da mangueira

Mirela Costa

Ao correr pela grama verdinha, ela sentia cheiro de terra molhada. A brincadeira da vez era pega-pega e seus primos disparavam no campo para alcançá-la. Os pés? Tingidos pelo ocre barroso da lama. A camiseta? Manchada pelo laranja do suco de tangerina derramado – aquele que só a mãe dela sabia fazer. A lambança, no entanto, não era lá grande preocupação para aquela cabecinha aos nove anos de idade. Ela estava mais interessada em se aventurar com os primos pelos barrancos e riachos do sítio da avó, no coração de Minas Gerais. Aquele domingo de outubro, durante a semana do saco cheio da escola, era o mais feliz de todos para ela.

Ofegantes após ziguezaguear incontáveis vezes no gramado, as crianças já queriam brincar de outra coisa. "Pique-esconde?". "Não, acabamos de correr tanto…". "Passa anel, então!". "Muito chato, vamos fazer algo com mais emoção". Foi aí que o mais velho teve a ideia que brilhou aos olhos de todos: subir na casinha da árvore. Ela pulou de alegria! Ah, como amava a casinha. Ao olhar para cima, sob os pés da imponente mangueira, o casebre construído pelo avô há anos parecia um monumental paraíso de diversões. Lá no alto, a graça era usar a imaginação para inventar a peripécia do dia. Naquela tarde, a criatividade dos primos tramou um piquenique fantasioso: o bolo era de barro; os talheres, de galhos; e os guardanapos, de folhas.

Entre a janela da cozinha da avó e a do reduto das crianças, ecoava uma voz feminina chamando os pequenos para almoçar. Famintos, eles desciam apressadamente as escadas que levavam às grossas raízes da árvore. Hmm, pelo cheiro a vó fez aquele frango com quiabo! Sobre a mesa, pratos fartos e conversas entusiasmadas acerca dos novos mundos que criariam na casinha depois de comer. Veio, porém, a notícia que ela menos desejava: o retorno para São Paulo seria naquela mesma tarde. É verdade, já era domingo… Apesar da angústia em ter que deixar os primos e da preguiça em assistir à aula de matemática no dia seguinte, o percurso pelas vias da Fernão Dias era marcado pela empolgação pelas próximas férias no sítio.

Com suas bonecas favoritas guardadas em caixas, os anos haviam se passado e as preocupações da infância já não eram as mesmas. As frações matemáticas agora davam lugar às fórmulas complexas de física, e, no calendário escolar, não havia mais espaço para a semana do saco cheio. Em meio à corrida rotina das provas e aos anseios da pré-adolescência, o alívio era saber que dezembro se aproximava e, com isso, a próxima viagem para o sítio. Que saudade ela sentia das brincadeiras e das vivências! A mesma rodovia de antes a conduzia para aquele local das suas memórias de criança.

Após meses sem se encontrar com os primos, o retorno a Minas significava reconexão para ela. Há quanto tempo não sentia aquele cheiro da grama molhada! "E aí, gente, o que vamos fazer hoje?'. É claro que a casinha da árvore era sempre a melhor ideia. Ao se aproximarem da mangueira, ela estranhou: a construção, que antes parecia tão grandiosa, se assemelhava a um casebre comum. A subida das escadas tampouco foi diferente, já que a pequena porta da casinha quase não comportava mais a altura dela. Sobre os batentes de madeira, ainda estavam as antigas panelinhas usadas para cozinhar os fantasiosos bolos de barro. Que sensação estranha… Será que crescer é assim?

Bonequinhos

Nícolas Dalmolim

Você sabe o que são gogos? São pequenos bonequinhos de plástico, do tamanho de um dedo, que formam um conjunto de personagens fofos. Pois bem: eles fizeram parte da minha infância. Eu era fascinado neles. Confesso que gastava – ou melhor, convencia meus pais a gastarem – dezenas e dezenas de reais nesses brinquedos.

Os gogos da minha infância lembravam os álbuns de figurinhas: eram comprados em pacotinhos e adicionados à coleção. Tinham os normais, os temáticos, os que brilhavam no escuro, os dourados. Se viesse um repetido, a solução era trocar com os colegas. Afinal, não tem coisa melhor do que ser uma criança e perceber que as outras crianças seguem a mesma modinha que você.

Durante uma época da minha vida, eu ia atrás de pacotes de gogos semanalmente. Minha mãe, minha melhor amiga, até chegou a arrumar pequenas caixinhas com divisórias só para guardar esses brinquedos. Definitivamente, mais um ato de amor dela. Um ato de amor, mesmo sabendo que seria uma mania tão passageira.

Passageira porque, em uma bela manhã, meu interesse pelos gogos simplesmente sumiu. Eu não sentia mais vontade de pedi-los para meus parentes, nem de trocá-los com outras crianças. A magia de brincar com eles, de encarar aqueles pequenos bonecos como meu maior patrimônio, tinha ido embora.

Naquele dia, meus colegas também perderam o interesse. Ninguém mais falava sobre os benditos gogos, quiçá levava a coleção para a escola. Se, por algum milagre, o tema surgisse em uma conversa, era só para lembrar que esses bonequinhos estavam no lugar de onde nunca mais sairiam: a casa.

No meu quarto, as caixas com gogos se amontoaram. De checar como estavam todos os dias, passei a olhar de relance para os brinquedos que tanto amava. No fim das contas, eu não dava mais tanta importância para eles. Deixei de lado os estojos com joias da minha infância, criadas pela minha imaginação.

Dizem que a memória é traiçoeira, mas não falam que às vezes é bom se deixar enganar por ela. Na verdade, minha paixão pelos bonequinhos da infância se foi lentamente: não deixei de gostar deles de uma vez, apenas me dei conta disso em um dia aleatório. Porém, se não fosse a sensação de que esse amor acabou tão rápido, talvez eu não valorizasse tanto essa lembrança que me trouxe tantas alegrias.

“Vamo pro sítio! Vamo pro sítio!”

Renan Affonso

Não. Não estou sonhando quando escuto a mamãe entrar no quarto cantando aquela frasezinha. Incrível como o meu corpo sai do repouso e recebe uma explosão de euforia e animação em poucos segundos.

Aquelas duas frases estavam “encaixadas” na melodia da linda voz da minha mãe e significam que o final de semana promete ser maravilhoso. Se tudo acontecer como nos últimos oito anos, em alguns minutos vou estar dentro do carro, indo em direção ao sítio dos meus avós!

Malas prontas, roupas colocadas e brinquedos separados. É hora de entrar no carro – claro, com a mamãe no meio para evitar uma inevitável luta corporal entre eu e meu irmão que, entediados durante as três horas de viagem, sempre acabamos brigando pelos motivos mais idiotas possíveis. Se é que existem motivos.

Cheguei no sítio. Tenho certeza disso quando olho pela janela traseira do carro e, ao som das melhores músicas do Bon Jovi, vejo aquele grande rastro de poeira levantado na estrada de terra vermelha da casa dos meus avós.

A casa continua exatamente igual à última vez que a visitei. A rede ainda está no mesmo lugar, o cheiro de frango cozido continua ocupando toda a cozinha e o pé de manga continua crescendo. Tudo fluindo normalmente. Tirando a sensação de que os cômodos estão mais vazios do que o normal.

Espera um pouco. Cômodos vazios?

Cadê a missa passando na televisão? Cadê o som do terço balançando nas mãos da vovó, enquanto o vovô se arruma para ir alimentar as vacas no pasto?

Onde está o barulho do chinelo arrastando, as risadas vindas do fogão e o rádio velho falando mais alto que todo mundo?

Tudo isso sumiu. Como se tudo não tivesse passado de um sonho.

E eu, que sempre corri por esse quintal achando que o mundo era grande demais pra caber numa casa só, percebi que o mundo inteiro estava mesmo era aqui. Entre o cheiro de frango e o som da missa.

Nunca imaginei como seria pisar aqui pela última vez. Nunca imaginei *ter* uma última vez. Acho que é hora de aceitar que precisamos encontrar outras receitas, outros caminhos para escutar Bon Jovi e outras brincadeiras.

Brincar na lama nem é tão legal assim.

A última vez em que não tive escolha

Sarah Kelly

Minha mãe repete com uma certa frequência que eu vou ser pra sempre o bebê dela — sem se preocupar com a veracidade dessa promessa simbólica. Eu costumava responder relutante: "Já sou bem grandinha", numa tolice clássica. Até me encantava com o Peter Pan, mas me sentia muito diferente dele… não via a hora de crescer!

Afinal, "não posso fazer nada nessa casa". Eu reclamava como qualquer pré-adolescente. E de fato, não podia voltar na hora em que eu queria, não podia pintar o cabelo, não podia ouvir música alta. Ah, que tortura, a lista é enorme…

Foi quando eu decidi pela desobediência. Uma decisão incomum para a filha que nunca deu trabalho. Por quase dois anos, menti dezenas de vezes para os meus pais, coitados.

A rebeldia não durou muito, mas entendo — e concordo um pouco — com a raiz daquelas atitudes duvidosas: não queria ser refém do desejo dos outros. Apenas era inocente de acreditar que crescer seria o fim dos meus problemas.

Os adolescentes de hoje parecem compreender melhor as desvantagens da vida adulta. Recentemente, estavam em alta nas redes sociais por zombarem da CLT. Me parecia uma tendência elitista e ofensiva aos direitos trabalhistas, mas surge da percepção justificada de que jornadas exaustivas por um salário mínimo não valem o esforço.

No auge dos meus 11 anos, eu não pensava nisso. Não acreditava em fadas, mas em uma liberdade ilusória. Mal podia imaginar que a vida nos oferece um número limitado de escolhas, e que até elas podem se tornar prisões. Hoje, peço humildemente: "Mãe, você pode me dizer o que fazer?" e a sua resposta letal é: "A escolha é sua".

REFERÊNCIAS

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos**: os formatos e os programas em áudio. São Paulo: Paulinas, 2003.

BARROS MALULY, Luciano Victor [et. al.]. **Crônicas para Ler e Ouvir**. São Paulo: ECA-USP, 2021. Disponível em: https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/730/648/2404 (Acesso em: 7 de Junho de 2025).

BARROS MALULY, Luciano Victor; AZEVEDO MUNÕZ, Daniel; OLIVEIRA TÔZO, Carla de. **Crônicas para Ler e Ouvir**: Volume 2. São Paulo: ECA-USP, 2023. Disponível em: https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/1095/1000/3699 (Acesso em: 7 de Junho de 2025).

BARROS MALULY, Luciano Victor [et. al.]. **Crônicas para Ler e Ouvir**. Volume 3. São Paulo: ECA-USP, 2023. Disponível em: https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/1199/1094/4129 (Acesso em: 7 de Junho de 2025).

BARROS MALULY, Luciano Victor [et. al.]. **Crônicas para Ler e Ouvir**. Volume 4. São Paulo: ECA-USP, 2023. Disponível em: https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/1379/1256/4887 (Acesso em: 7 de Junho de 2025).

BARROS MALULY, Luciano Victor [et. al.]. **Crônicas para Ler e Ouvir**. Volume 5. São Paulo: ECA-USP, 2025. Disponível em: https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/1512/1378/5380 (Acesso em: 7 de Junho de 2025).

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Opinativo**. Porto Alegre: Editora Sulina, 1980.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques D'aquém e D'além Mar**: Travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos. São Paulo: Summus, 2008.

MARQUES DE MELO, José. **A Opinião no Jornalismo Brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.
UNIVERSIDADE 93,7 – PORTAL JORNAL DA USP: https://jornal.usp.br/radio-usp/sinopses/universidade-937/ (Acesso em: 7 de Junho de 2025).

UNIVERSIDADE 93,7 – ECA/USP: http://www.usp.br/radiojornalismo/ (Acesso em: 7 de Junho de 2025).